

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

**Buuuuuu!**

Dizem que o Rio de Janeiro é feito de luz — e é. Mas quem caminha devagar, quando a cidade começa a cochichar em vez de gritar, percebe que há também uma penumbra delicada, quase elegante, onde moram certas presenças que não foram embora. Não se trata de assombração de almanaque, dessas que batem correntes ou arrastam passos. Os fantasmas cariocas são mais discretos: preferem a brisa do fim de tarde, o ranger antigo de uma janela em Santa Teresa, o eco de um salto alto esquecido nos corredores de um prédio da Lapa.

Há quem jure que, nas madrugadas úmidas, uma dama de vestido claro atravessa o Passeio Público, como se ainda aguardasse uma carruagem que nunca chega. Outros falam de um velho cronista que insiste em revisar, invisível, as notícias do dia, sentado à mesa de um café que já não existe — desses que sobreviveram apenas na memória e no cheiro imaginado de café forte. No Rio, o passado não passa: ele se acomoda nas esquinas, encosta nos azulejos, pede licença e fica.

Na Glória, contam sobre passos que sobem escadas que ninguém mais usa. Em Botafogo, uma janela que acende sozinha, sempre na mesma hora, como se alguém, do outro lado do tempo, ainda cumprisse sua rotina. Não há medo nessas histórias, apenas uma estranha familiaridade. Como se os vivos e os mortos dividissem o mesmo bairro, cada qual no seu turno.

Talvez seja o mar o grande cúmplice. Ele devolve o que a cidade tenta esquecer — sons, nomes, promessas. A maresia corrói o concreto, mas também preserva lembranças. E, assim, o Rio segue: solar à superfície, melancólico nas entrelinhas. Uma cidade onde até os fantasmas parecem ter aprendido a sorrir de canto, como quem sabe que a eternidade, aqui, tem vista para o Pão de Açúcar.

No fim, suspeito que essas lendas não falem exatamente de quem morreu, mas de tudo aquilo que ainda insiste em viver. Porque no Rio, até o invisível tem história — e, vez ou outra, passa por nós sem fazer barulho, apenas para lembrar que nunca foi embora de verdade.

Meninos, eu vi!

